

## Paula

Para onde vais, Paula? Como serás ao acordar? Serás a mesma mulher ou deveremos aprender a conhecer-nos como duas estranhas? Terás memória ou terei de contar-te pacientemente os vinte e oito anos da tua vida e os quarenta e nove da minha?

Deus guarde a sua menina, sussurrava-me com dificuldade Don Manuel, o doente que ocupava a cama ao lado da tua. É um velho camponês, operado várias vezes ao estômago, a lutar ainda contra a ruína e a morte. Deus guarde a sua menina, disse-me também ontem uma mulher jovem com um bebé ao colo, que tivera conhecimento do teu caso e acorrera ao hospital para me inculir esperança. Sofreu um ataque de porfíria há dois anos e ficou em coma mais de um mês, levou um ano a voltar à normalidade e tem de fazer tratamentos durante o resto da vida mas já trabalha, casou e teve um menino. Garantiu-me que o estado de coma é como dormir sem sonhos, um misterioso parêntese. Não chore mais, minha senhora, a sua filha não sente nada, vai sair daqui pelo seu pé e depois não se lembrará do que lhe aconteceu.

Todas as manhãs percorro os corredores do sexto piso à caça do especialista para indagar novos pormenores. Esse homem tem a tua vida nas suas mãos e eu não confio nele; passa como uma corrente de ar, distraído e apressado, dando-me nebulosas explicações sobre enzimas e cópias de artigos sobre a tua doença que eu tento ler mas não entendo. Parece mais interessado em alinhar as estatísticas do seu computador e as fórmulas do seu laboratório do que no teu corpo crucificado pousado nesta cama. É assim esta enfermidade, uns recuperam da crise em pouco tempo e outros levam semanas na terapia intensiva; dantes os pacientes pura e simplesmente morriam, mas agora podemos conservá-los vivos até o metabolismo funcionar de novo, diz-me ele sem me olhar nos olhos. Bem, se assim é, só nos resta aguardar. Se tu resistes, Paula, eu também.

*Paula*

*Isabel Allende*